

Domingo de Ramos (A) – 29.03.2026

Mt 21,1–11; Is 50,4-7; Fl 2,6-11; Mt 26,14–27,66

INTRODUÇÃO – antes da Procissão

Conta-se a história de uma pequena vila que um dia preparou uma grande recepção para um dignitário visitante. As ruas foram limpas, bandeiras foram erguidas e as pessoas se reuniram cedo, ansiosas para serem vistas e contadas entre a multidão. Mas, quando a procissão atravessou a vila, algo inesperado aconteceu. O visitante não parou na praça decorada. Em vez disso, ele seguiu por um caminho estreito e lamacento, onde viviam as famílias mais pobres. Alguns o seguiram; muitos se dispersaram silenciosamente.

É fácil aplaudir na rua principal.

É mais difícil seguir quando o caminho muda.

Hoje, estamos novamente entre a multidão. Com ramos de palmeira nas mãos, lembramos Jesus entrando em Jerusalém — acolhido com alegria, aclamado como rei, cercado de esperança e expectativa. Mas esta procissão

não é apenas uma celebração do passado. É uma pergunta feita a nós hoje:

Estamos dispostos a seguir Cristo apenas quando o caminho é fácil e festivo — ou também quando nos leva ao sacrifício, à humildade e à cruz?

Ao iniciarmos esta procissão do Domingo de Ramos, caminhemos não apenas com nossas vozes e nossas palmas, mas com corações abertos, prontos para acompanhar o Senhor onde quer que Ele escolha ir.

Ouçamos agora o Evangelho que lembra a entrada do Senhor em Jerusalém.

HOMILIA 1: Mateus 21,1–11 — Antes da Procissão

Há alguns anos, uma professora pediu aos alunos que desenhassem um rei. A maioria das crianças desenhou coroas, tronos, castelos, soldados e bandeiras. Uma criança, porém, desenhou um homem em uma bicicleta — sem coroa, sem guardas — apenas um homem pedalando pelas ruas, sorrindo e parando para conversar com as pessoas.

Quando a professora perguntou o porquê, a criança respondeu: “Porque os melhores reis são os que se aproximam.” Essa criança compreendeu algo muito importante.

Hoje, ao nos reunirmos com palmas nas mãos, a Igreja nos convida a receber um Rei — mas não do tipo que esperamos. Jesus entra em Jerusalém não em um cavalo de guerra, mas em um jumentinho. Nenhum exército marcha atrás dele. Nenhuma bandeira anuncia seu poder. Em vez disso, há pessoas comuns — pescadores, mães, crianças, enfermos — espalhando mantos pelo caminho e acenando ramos arrancados das árvores próximas. Isto não é uma demonstração de força. É uma procissão de esperança.

O povo grita: “Hosana!” Essa palavra não significa um elogio educado. Significa: “Salva-nos!” É o clamor de pessoas cansadas de serem esmagadas, ignoradas e esquecidas. Eles não estão recebendo uma celebridade. Estão se aproximando de alguém que acreditam finalmente compreender sua dor. E repare nisso: Jesus

não os corrige. Ele não silencia a esperança deles. Ele permite ser acolhido — sabendo muito bem que a mesma cidade logo se voltará contra Ele. Isso nos revela algo sobre o coração de Deus.

Uma vez visitei um hospital onde um homem estava morrendo sozinho. A enfermeira me disse: “Ele não recebe visitas há semanas.” Quando alguém finalmente se sentou ao lado de sua cama, ele abriu os olhos e sussurrou: “Não pensei que alguém viria.” Aquele momento — silencioso, despercebido pelo mundo — foi uma espécie de Domingo de Ramos. Um rei se aproximando, não com poder, mas com presença.

É assim que Jesus reina. Ele se aproxima da vida real das pessoas. Ele entra em cidades e corações conflituosos, instáveis, divididos. Jerusalém o acolhe com alegria — mas é uma alegria frágil. Suas expectativas são altas e sua compreensão é superficial. Querem salvação sem sacrifício, vitória sem entrega. Se formos honestos, não somos tão diferentes. Carregamos palmas hoje, mas também carregamos contradições. Louvamos Cristo, mas

lutamos para segui-lo quando o caminho se torna exigente. Queremos bênçãos, mas nem sempre a cruz que vem com elas. E ainda assim — Jesus vem.

Conheci uma mulher que disse: “Parei de ir à igreja porque achei que Deus ficaria desapontado comigo.” Ela voltou anos depois, não porque se sentisse digna, mas porque estava exausta. Disse: “Percebi que não precisava impressionar Deus. Só precisava deixá-lo entrar.” Isso também é Domingo de Ramos.

Jesus entra em Jerusalém sabendo exatamente o que está por vir: traição, sofrimento, morte. Ainda assim, segue calmamente, deliberadamente, escolhendo o amor em vez da segurança. Isso não é fraqueza. É coragem do mais profundo tipo.

Durante grande parte de seu ministério, Jesus estava ativo. Curava, ensinava, reconciliava, acolhia crianças, visitava casas, partilhava refeições e perdoava pecados. Nessas ações, revelou o reino de Deus — o amor que dá vida. Mas, do momento de sua prisão no Jardim das

Oliveiras, toda sua atividade cessa. As coisas agora são feitas a ele, muitas vezes de forma cruel, injusta e violenta. Ele foi traído por Judas, negado por Pedro, espancado, zombado e entregue para ser executado. Ainda assim, nessa aparente impotência, o amor de Deus brilhou mais poderosamente do que nunca. O mesmo amor que o moveu a curar e reconciliar agora o move a suportar sofrimento e morte — um amor mais forte que o pecado, mais forte que o medo, mais forte que a morte.

Essa é uma mensagem para nós: também podemos dar aos outros mesmo em momentos de fraqueza, quando nossa vida parece fora de controle, quando somos vulneráveis ou impotentes. Nossa presença, paciência, orações e amor silencioso — mesmo de formas pequenas e invisíveis — podem ser tão generosos quanto grandes atos de serviço.

E agora, estamos prestes a processar. Em instantes, deixaremos de apenas ouvir para começar a caminhar — de ouvir a Palavra para encarná-la. Esta procissão não é

uma reencenação por nostalgia. É uma declaração: Este é o Rei que escolhemos seguir.

Lembro-me de ver uma criança pequena durante uma procissão de Domingo de Ramos segurando uma palma quase maior que ela. No meio do caminho, ela se cansou e começou a arrastá-la pelo chão. Seu pai sussurrou: “Você não precisa carregá-la perfeitamente — só não a largue.” Talvez esta seja a descrição mais honesta de discipulado que existe.

Ao iniciarmos esta procissão, carregue sua palma não como símbolo de triunfo, mas como sinal de confiança. Seguimos um Rei que não promete vitórias fáceis, mas que nunca nos abandona na estrada.

Ao carregarmos palmas hoje, lembremos também do contraste entre alegria e sofrimento que esta semana trará. As multidões acolheram Jesus com hosanas, mas em poucos dias gritarão: “Crucifica-o!” Uma semana pode mudar tudo. O que começa com aplausos pode terminar em traição. O que começa com celebração pode terminar

em dor. E ainda assim, o amor de Deus permanece constante. A jornada de Jesus nos ensina que o amor é mais poderoso não nos momentos de triunfo, mas nos momentos de vulnerabilidade, fraqueza e sofrimento. É precisamente no deserto do desafio, nos momentos em que nos sentimos impotentes, que somos chamados a refletir a misericórdia, a compaixão e a presença duradoura de Deus.

Caminhemos com Ele — entre louvor e confusão, alegria e desafio — sabendo que Aquele que entra em Jerusalém hoje é o mesmo que carregará a cruz por nós. E Ele ainda se aproxima, acolhendo os quebrantados, cansados, assustados e solitários.

HOMILIA 2 (MT 26,14–27,66) – DO HOSANA À CRUZ

Há muitos anos, uma professora levou seus alunos a um grande teatro. Antes do espetáculo, as crianças estavam inquietas. Então, a cortina se abriu. As luzes diminuíram. A música cresceu. De repente, a plateia explodiu em aplausos. Um menino aplaudia mais alto do que qualquer

outro. Ele ficou em pé na cadeira, vibrando de alegria e expectativa.

Minutos depois, algo inesperado aconteceu. A cena mudou. O herói, antes admirado, foi acusado, ridicularizado e rejeitado. A multidão no palco se voltou contra ele. O mesmo menino parou de aplaudir. Sentou-se lentamente, confuso. Virando-se para a professora, sussurrou: “Por que estão fazendo isso? Eu pensei que gostavam dele.”

Essa é a pergunta do Domingo de Ramos.

Hoje, ao ouvirmos a Paixão de Jesus, vemos a multidão aclamá-lo com ramos e hosanas — e, quase sem respirar, ouvimos a mesma cidade gritar: “Crucifica-o!”

Dizem que uma semana é muito tempo na política. Políticos confiantes no início da semana podem estar fora do cargo na sexta-feira. Uma semana também pode ser longa na vida. O que parecia certo no começo pode desmoronar em dias. A situação de segunda-feira pode ser completamente diferente na sexta-feira. Essa consciência

leva muitos a viver um dia de cada vez, dando atenção e cuidado a cada dia.

E que semana poderia ser mais longa, intensa e decisiva do que esta Semana Santa? O contraste é impressionante. No início, Jesus é acolhido com palmas, gritos de “Hosana!” e bênçãos. No fim, as mesmas vozes pedem sua morte. A mesma cidade que o recebe com alegria exige sua execução. Aquele que entrou em Jerusalém humildemente em um jumento é levado, poucos dias depois, à forma mais cruel de execução romana — a cruz.

Ainda assim, mesmo sabendo como a história termina, não somos meros espectadores. Esta história é nossa. A morte de Jesus não é história distante. Continua em nossas vidas.

A Sedução do Aplauso

Há algo intoxicante no aplauso. Todos conhecemos isso. Desejamos estar do lado vencedor, do lado popular, do lado seguro. É fácil aplaudir quando não custa nada.

Anecdota após anedota do cotidiano mostra isso. Um político promete integridade, mas a compromete para permanecer no poder. Um funcionário fala com coragem sobre ética até que uma promoção esteja em jogo. Um adolescente sabe o que é certo, mas segue a multidão porque ficar sozinho parece arriscado demais.

As multidões em Jerusalém amavam Jesus enquanto Ele atendia suas expectativas. Queriam um rei — mas não deste tipo de rei. Queriam um salvador — mas não alguém que falasse de sofrimento. Queriam milagres — mas não conversão. Queriam palmas — não a cruz.

Não é desconfortavelmente familiar?

Judas: O Discípulo que Fez as Contas

Judas não sai em drama. Ele calcula: “O que me dareis?” Trinta moedas de prata — o preço de um escravo. Muitas vezes, a traição não é dramática, mas prática. Trocamos fé por conveniência. Vendemos silêncio por segurança.

Há uma história de um homem que disse: “Nunca neguei a Deus.” Alguém respondeu: “Não — você apenas o ignorou

todos os dias de sua vida.” Judas não deixou de seguir Jesus fisicamente. Ele parou de confiar em seu coração. E isso pode acontecer conosco. Podemos ir à Missa, usar as palavras certas, mas, interiormente, começamos a negociar nossa fé, segurando o coração.

Pedro: O Discípulo Bem-Intencionado

Depois vem Pedro — tão sincero, tão confiante, tão humano. “Mesmo que todos o abandonem, eu não abandonarei.”

Todos já dissemos palavras como as de Pedro: “Serei sempre fiel. Nunca mais cairei. Sou mais forte agora.” Mas o medo pode desmontar a coragem em um instante. Pedro nega Jesus diante de uma serva, não de um soldado. Medos pequenos, compromissos pequenos, trazem colapso.

Um sacerdote visitou uma prisão. Um preso disse: “Padre, eu não acordei planejando arruinar minha vida. Só fui fazendo pequenos compromissos.” Pedro nos ensina: o

colapso raramente começa com ódio. Começa com medo, hesitação e compromisso.

Ainda assim, Pedro chorará, e, porque chora, será restaurado.

Jesus: Amor Silencioso e Sofredor

No centro da Paixão longa está Jesus — principalmente silencioso. Não se defende diante de Pilatos. Não amaldiçoa quem o ridiculariza. Não desce da cruz.

Uma mãe cujo filho foi morto em crime violento disse anos depois ao responsável: “Não deixarei que seu ódio tenha a última palavra na minha vida.” Esse momento mudou ambos.

Na cruz, Jesus faz o mesmo — em escala infinita. Ele absorve o ódio e responde com misericórdia. Recebe violência e devolve perdão. Isso não é fraqueza. É o amor mais forte que o mundo já viu.

A Paixão de Jesus como Amor Ativo na Fraqueza

Durante grande parte de seu ministério, Jesus foi ativo. Curava, pregava, perdoava, acolhia e reconciliava. Nessas ações, a presença de Deus se manifestava. Mas do momento de sua prisão, sua atividade cessa. As coisas agora são feitas a ele, muitas vezes de forma cruel e injusta.

Ainda assim, não é hora de o amor parar. Ele se torna serviço mais profundo e radical. O amor que o movia a curar, ensinar e perdoar agora o leva a suportar sofrimento, traição, humilhação e morte. Na sua impotência, o amor vivificante de Deus é mais evidente do que nunca.

Shakespeare chamou o sofrimento de “fundações e flechas da fortuna ultrajante”. Jesus sofre tudo. E, em seu sofrimento, revela que também podemos dar em tempos de fraqueza tanto quanto em tempos de força. Nossa presença, orações, compaixão, solidariedade — também são atos de amor que proclamam o Reino de Deus.

Onde Estamos na Paixão?

O Domingo de Ramos nos faz uma pergunta perigosa:

Onde estou nesta história?

- Estou na multidão — louvando Deus quando é fácil, abandonando-o quando custa?
- Sou Judas — calculando, comprometendo, mantendo um pé na segurança?
- Sou Pedro — amando Jesus, mas com medo do que a fé exige?
- Sou o soldado — “apenas fazendo meu trabalho”, evitando responsabilidade?
- Sou uma das mulheres fiéis — presente, sofrendo, mas inabalável?

A verdade é: somos todos eles em momentos diferentes. E ainda assim, Jesus caminha para o Calvário por cada um de nós.

Semana Santa: Do Hosana à Ressurreição

Ao entrarmos nesta Semana Santa, somos convidados a desacelerar, prestar atenção e deixar que a história da Paixão toque nossos corações. A semana vai do acolhimento tumultuoso das palmas à escuridão profunda do sofrimento e da morte. Mas sabemos que a história não termina na morte. Paulo nos lembra:

“Cristo, embora sendo Deus, humilhou-se a si mesmo até aceitar a morte, morte de cruz, e Deus o exaltou sobremaneira.”

O Tríduo Pascal — Quinta-feira Santa até a Vigília Pascal — é o ápice sagrado da obra redentora de Deus. A Paixão não é história de perda, mas de amor. As palmas que levamos para casa hoje não são apenas lembranças. São sinais de que somos chamados a caminhar nesse amor, com fidelidade e coragem, mesmo quando isso nos custa.

HISTÓRIA FINAL

Permitam-me terminar com uma última história.

Um homem esculpiu um crucifixo em madeira. Quando terminou, alguém perguntou: “Por que o rosto de Jesus é

tão gentil, mesmo na cruz?”

O escultor respondeu: “Porque se Ele parecesse zangado, eu teria medo de voltar a Ele quando eu falhar.”

O Domingo de Ramos não termina com aplausos. Não termina com condenação. Termina com um Senhor crucificado cujos braços permanecem abertos.

Ao caminharmos por esta Semana Santa — entre traição, negação, zombaria, medo e dor — que possamos lembrar: Jesus caminha conosco. Seu amor é mais forte que nossas falhas, nossos medos e até nossos pecados. E quando as palmas desaparecerem, quando os aplausos cessarem, que tenhamos coragem de permanecer. Amém.

CONVITE AO PAI NOSSO

No início desta Semana Santa, ficamos sob a Cruz de Cristo — uma Cruz carregada livremente por Aquele que entrou em Jerusalém não com poder, mas com humildade e amor.

Jesus nos ensinou esta oração para que nunca esquecêssemos que somos filhos de um mesmo Pai, ligados a Deus e uns aos outros. Aqui, ninguém caminha sozinho. Aqui, ninguém carrega seu fardo sozinho. Aqui, até a fé frágil é sustentada na esperança.

Confiando no Deus que se aproxima, com um só coração e uma só voz, rezemos como Jesus nos ensinou:

EMBÓLISMO

Livra-nos, Senhor, de todo mal, especialmente do medo que nos faz fugir quando o caminho da fé se torna difícil. Liberta-nos do desejo de vitórias fáceis e da tentação de escolher aplauso em vez da verdade, conforto em vez de coragem, palmas sem a cruz. Concede-nos paz em nossos dias — uma paz que não foge do sofrimento,

uma paz que permanece fiel na confusão,
uma paz nascida da confiança em Ti.

Ao caminharmos com Teu Filho desde a alegria de Seu
acolhimento
até a escuridão de Sua Paixão, mantém-nos longe do
desespero
e protege-nos de nos tornarmos indiferentes ou medrosos.
Ajuda-nos a permanecer com Ele
quando a multidão se dispersa,
quando o silêncio substitui os aplausos
e quando o amor exige mais do que palavras.
Fortalece nossa esperança enquanto aguardamos a bem-
aventurada esperança
e a vinda de nosso Salvador, Jesus Cristo.

ORAÇÃO PELA PAZ

Jesus entrou em nosso mundo suavemente,
e carregou sua violência, medo e sofrimento
em seu próprio corpo na Cruz.
Nele, o amor é mais forte que o ódio,

a misericórdia mais forte que a vingança,
e a paz mais forte que o medo.

Ainda assim, sabemos como nossos corações se
perturbam facilmente
e como a paz pode ser frágil dentro de nós
e entre nós.

Portanto, pedimos ao Senhor agora
que nos conceda Sua paz — a paz da Cruz,
a paz que permanece fiel mesmo no sofrimento.
Ele vive e reina para sempre. Amém.

ORAÇÃO DEPOIS DA COMUNHÃO

Deus bom e fiel,
hoje recebemos o Pão da Vida
dado por Teu Filho, que percorreu o caminho da confiança
mesmo quando levava ao sofrimento.

Às vezes nossos corações se enchem de alegria e
esperança;
outras vezes se pesam com medo, confusão ou dúvida.

Em todas as coisas, Jesus colocou Sua vida em Tuas mãos.

Ensina-nos, através Dele, a caminhar nosso próprio caminho com confiança, mesmo quando não compreendemos totalmente a direção. Nunca nos deixe separados de Ti. Quando nossa fé for frágil, sustenta-nos.

Quando tropeçarmos, levanta-nos.

Mantém-nos sempre dentro do Teu amor.

Ensina-nos, pelo Teu Filho, a não julgar nem condenar, mas a ver cada pessoa com olhos de compaixão.

Dá-nos coragem para oferecer novos começos, incentivar o bem nos outros, e permanecer fiéis mesmo quando nos custa.

Pois Jesus representa a vida — vida mais forte que a morte,

amor mais forte que a cruz — agora e para sempre.

Amém.

COMUNICADOS

Por meio desta celebração, passamos pelo portal do Domingo de Ramos e entramos juntos na Semana Santa.

Resta apenas uma semana até celebrarmos a alegria da Páscoa.

Marquemos estes dias que vêm com pequenos sinais de oração, silêncio e reflexão, para que não passem como qualquer outra semana.

O Deus que se aproxima caminha conosco através da alegria do acolhimento e através da escuridão da cruz.

Caminhemos também com Seu Filho — pela intimidade da Quinta-feira Santa, pelo sofrimento da Sexta-feira Santa, e até a esperança e a nova vida da Páscoa.

Convido calorosamente todos a celebrar conosco as liturgias da Semana Santa:

- na Quinta-feira Santa, na Sexta-feira Santa,
- e na Vigília Pascal.

BÊNÇÃO FINAL

Ao iniciarmos esta semana sagrada,
peçamos a bênção de Deus:

Deus totalmente Outro,
mas que escolheu se aproximar;
Deus livre, mas que permitiu ser amarrado;
Deus forte,
mas que revelou Seu poder na humildade e no amor:

Ensina-nos, através de Teu Filho,
como o mundo pode ser transformado —
não pela força, mas pela misericórdia;
não pelo medo, mas pela fidelidade.

Mostra-nos como o amor pode vencer o ódio,
como a esperança pode surgir do sofrimento,
e como a vida pode emergir mesmo da cruz.

Que este Deus bom e fiel
nos abençoe, nos guie e permaneça próximo de nós,
como amigo, companheiro e irmão:
o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Amém.

DESPEDIDA

Os ramos de palmeira com que acolhemos Cristo hoje
levemos agora para casa
e coloquemos perto da nossa cruz ou espaço de oração,
como lembrete de que pertencemos a Ele —
não apenas nos momentos de alegria,
mas também nos tempos de provação.

Que você e todos os seus entes queridos
entrem profundamente e com oração
no mistério da Semana Santa,
e que esta caminhada com Cristo
os conduza à renovação, esperança
e nova vida na manhã da Páscoa.

Vamos agora em paz, na paz de Cristo.

Segunda-feira da Semana Santa – 30 de março de 2026

Is 42,1–7; Jo 12,1–11

INTRODUÇÃO

Há alguns anos, visitei uma amiga que cuidava de uma vizinha idosa. Todas as manhãs, ela batia na porta da mulher, ajudava a arrumar a casa, trazia o café da manhã e passava um tempo apenas conversando. Um dia perguntei: “Por que você se esforça tanto todos os dias? Ela quase nem percebe.” Ela sorriu e respondeu: “Eu faço isso porque ela importa. Isso já basta.”

Essa generosidade silenciosa e sem cálculo nos lembra a cena de Betânia, no Evangelho de hoje. Maria, tendo já recebido o amor e a misericórdia de Jesus, derrama uma libra inteira de perfume caro sobre os pés dele. É um ato extravagante, feito livremente, sem preocupação com o custo ou com o julgamento. A casa se enche de fragrância — uma proclamação silenciosa de amor.

Ao iniciarmos a Semana Santa, somos convidados a refletir: com que frequência permitimos que o medo, a

cautela ou o cálculo limitem nossa generosidade? Nossas vidas estão cheias de gestos de amor que, mesmo pequenos ou despercebidos, honram Cristo e trazem luz ao mundo? Hoje, preparamos nossos corações para receber a misericórdia de Deus, para que também possamos amar com entrega e gratidão.

ATO PENITENCIAL

Senhor Jesus Cristo, aceitou a devoção amorosa de Maria e revelou a beleza de um coração agradecido: Senhor, tende piedade de nós.

Cristo Jesus, entregaste-te por nós na Cruz sem contar o custo: Cristo, tende piedade de nós.

Senhor Jesus, nos chamaste a seguir-Te em amor generoso e doador: Senhor, tende piedade de nós.

ORAÇÃO DE ABSOLVIÇÃO

Que Deus todo-poderoso,
cujo Filho se entregou em amor pela nossa salvação,
nos perdoe pelas vezes em que medimos nosso amor

e retivemos nossa generosidade.

Que Ele limpe nossos corações do egoísmo,
nos encha com a fragrância de Cristo
e nos conduza à vida eterna. Amém.

ORAÇÃO COLECTA

Ó Deus todo-poderoso e eterno,
na nossa fraqueza muitas vezes medimos e calculamos
onde nos chamais simplesmente a amar.

Olhai para a devoção de vosso Filho,
que se entregou sem reservas,
e acendei em nós o mesmo espírito generoso.

Concedei que, fortalecidos pela vossa graça,
possamos seguir Cristo fielmente em palavras e ações,
oferecendo nossas vidas como sacrifício perfumado de
amor, para que nossos corações transbordem de
misericórdia e compaixão
por aqueles que necessitam.

Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho,
que vive e reina convosco na unidade do Espírito Santo,
Deus, por todos os séculos dos séculos. Amém.

HOMILIA

Quando eu era criança, lembro-me de ver minha avó se preparar para as visitas familiares. Ela colocava o melhor linho, acendia as velas boas e cozinhava muito mais do que qualquer um conseguiria comer. Uma vez perguntei: “Por que tudo isso para apenas algumas horas?” Ela sorriu e disse: “O amor nunca se perde.”

Essa sabedoria simples ecoa no Evangelho de hoje. “O amor é a única coisa que cresce quando o desperdiçamos”, escreveu Ricarda Huch. Em Betânia, no início da Semana Santa, Maria parece entender isso instintivamente. Ela já recebeu o amor extraordinário de Jesus. Ela ouviu Seus ensinamentos. Ela testemunhou Jesus chamar seu irmão Lázaro do túmulo. Sua casa foi tocada pelo poder vivificante de Cristo.

Tendo recebido tanto amor, ela não mede sua resposta. No jantar em honra de Jesus, Maria pega uma libra inteira de nardo caro — não uma gota simbólica — e unge os pés de Jesus, enxugando-os com seus cabelos. A casa se

enche de perfume. É um ato de extravagância, humildade e devoção.

Judas se opõe. De um ponto de vista prático, parece razoável: o perfume poderia ser vendido e o dinheiro dado aos pobres. Mas categorias diferentes estão sendo confundidas. O amor não se mede em contas. A honra não se calcula em moedas. O que Maria faz não se mede em dinheiro.

Jesus a defende.

Ele não vê desperdício, mas preparação. “Ela guardou isso para o dia do meu sepultamento.” No início de uma semana marcada pela traição e violência, uma pessoa oferece-lhe amor sem cálculo. Enquanto outros se afastarão, Maria se aproxima. Enquanto outros O humilharão, ela O honra.

O Evangelho já aponta para a cruz. A fragrância na casa antecipa os aromas do sepultamento. A ternura de Maria contrasta com a brutalidade que virá. Numa semana em

que Jesus lavará os pés de Seus discípulos, Maria primeiro lava os d’Ele. Ela espelha Seu amor doador.

A Semana Santa revela muitas respostas a Jesus: hostilidade, medo, cálculo — e amor. O amor de Maria nasce da gratidão. Ela sabe que foi agraciada. Lázaro vive por causa de Jesus. A verdadeira gratidão raramente é moderada. Quando sabemos que recebemos misericórdia e vida, como nossa resposta poderia ser mesquinha?

São Paulo diz: “Somos o aroma de Cristo.” A casa em Betânia se encheu de perfume; nossas vidas devem carregar a fragrância de Cristo para um mundo que muitas vezes cheira a suspeita e julgamento duro.

Com que frequência pensamos mais como Judas do que como Maria — medindo, questionando, reduzindo a bondade à eficiência? O Evangelho nos convida a ver com os olhos de Jesus, a reconhecer e defender o amor onde quer que ele apareça.

Maria também fortalece Jesus para o que virá. Antes de Ele caminhar para o sofrimento, é sustentado pela

bondade humana. Todos precisamos de momentos assim. E somos chamados a ser essa presença uns para os outros — levando luz à escuridão de alguém.

No final da vida de minha avó, encontramos velas não usadas e linho cuidadosamente dobrado em seu armário, junto com notas sobre refeições preparadas para vizinhos em tempos difíceis. Muito do que ela deu já tinha sido esquecido por quem recebeu. Mas o amor não se perdeu. Ele nos moldou. Persistiu, como uma fragrância.

O perfume de Maria encheu a casa. O amor de Cristo enche o mundo. E quando ousamos amar sem cálculo — quando “desperdiçamos” amor por Ele e pelos outros — essa fragrância permanece.

O amor nunca se perde. É o único dom que cresce quando o damos.

CONVITE À ORAÇÃO SOBRE AS OFERENDAS

Como Maria colocou aos pés de Jesus
o que lhe era mais precioso,
coloquemos agora sobre este altar

não apenas o pão e o vinho,
mas também nossa gratidão, nosso amor
e até os pequenos sacrifícios de nossa vida diária.

Oremos, irmãos e irmãs,
para que meu sacrifício e o vosso
sejam aceitos por Deus Pai todo-poderoso.

ORAÇÃO SOBRE AS OFERENDAS

Olhai com bondade, Senhor, para estas oferendas,
e concedei que, assim como Maria honrou Vosso Filho
com perfume caro, possamos também oferecer-vos a
fragrância de corações devotos.

Que o amor e a gratidão que trazemos
sejam sinceros, abundantes e sem medida,
fluindo de corações despertos para a vossa misericórdia.
Transformai nossas vidas em atos de generosidade e
compaixão, para que o que celebramos neste altar
produza frutos no serviço aos outros
e leve alegria e cura à vossa Igreja e ao mundo.
Por Cristo, nosso Senhor. Amém.

PREFÁCIO

É verdadeiramente justo e necessário, nosso dever e nossa salvação, sempre e em todo lugar, dar-vos graças, Senhor, Pai santo, Deus todo-poderoso e eterno.

Pois nestes dias santos revelais a profundidade do vosso amor:

vosso Servo escolhido não quebra a cana quebrada
nem apaga a chama vacilante,
mas caminha fielmente pelo caminho do sofrimento
para levar luz às nações.

Em Betânia, Ele foi ungido no amor
enquanto se preparava para oferecer-se em sacrifício.

A fragrância daquela devoção
anunciava o dom maior da Cruz,
onde Ele se entregaria pela vida do mundo.

E assim, com Anjos e Arcanjos,
com Tronos e Dominações,
e com todos os exércitos e Potestades celestes,
cantamos o hino da vossa glória, proclamando sem fim:
Santo, Santo, Santo...

CONVITE AO PAI-NOSSO

A fragrância do amor encheu a casa em Betânia.
Pela Sua Paixão e Ressurreição,
Cristo encheu o mundo com a fragrância da misericórdia divina.

Como filhos de um Pai que dá sem medida
e perdoa sem contar o custo,
rezemos com confiança e gratidão:

EMBOLISMO

Livrai-nos, Senhor, de todo o mal,
especialmente do medo que nos impede de amar
generosamente.
Libertai-nos da estreiteza de coração
e da tentação de medir o que deve ser dado livremente.
Concedei paz em nossos dias, para que, sustentados por
vossa misericórdia, possamos sempre estar livres do
pecado e protegidos de todo perigo,
à espera da bem-aventurada esperança
e da vinda de nosso Salvador, Jesus Cristo.

ORAÇÃO PELA PAZ

Senhor Jesus Cristo,
na casa de Betânia
aceitaste um gesto de amor terno e extravagante,
e Tu mesmo te tornaste paz para nós
ao submeter-Te à vontade do Pai na Cruz.

Não olhes para os nossos pecados — para as vezes em
que julgamos, calculamos ou retivemos o amor —
mas para a fé de tua Igreja,
que deseja honrar-Te com corações sinceros.

Enche-nos da tua paz,
para que nossos lares, nossas comunidades e nosso
mundo
sejam marcados não pela suspeita ou divisão,
mas pela força silenciosa do amor doador.

Faz-nos canais de reconciliação e esperança,
para que outros sejam atraídos a Ti pela fragrância de
Cristo em nós.

Que vive e reina para sempre.

Amém.

CONVITE À COMUNHÃO

Eis o Cordeiro de Deus, que aceitou a devoção amorosa
e se entregou completamente por nós.

Bem-aventurados os convidados para a ceia do Cordeiro.

MEDITAÇÃO APÓS A COMUNHÃO

O dom de Maria encheu a casa de perfume.
O dom de Cristo agora enche nossos corações.
Que o amor que recebemos aqui
não permaneça encerrado em nós,
mas se espalhe silenciosa e generosamente
onde quer que sejamos enviados.

ORAÇÃO DEPOIS DA COMUNHÃO

Alimentados por estes sagrados dons, Senhor,
que possamos seguir o exemplo de devoção amorosa
manifestado na Paixão de vosso Filho.

Assim como Maria derramou seu perfume em gratidão,
possamos derramar nossas vidas em serviço, bondade e
misericórdia,

trazendo esperança aos cansados, consolo aos aflitos

e coragem aos que lutam.

Concedei que a fragrância de Cristo que recebemos nesta Eucaristia continue a encher nossos corações, nossos lares e nossas comunidades, para que, através de nossas palavras e ações, outros possam encontrar teu amor, serem elevados na Esperança e aproximarem-se sempre mais de Ti. Por Cristo, nosso Senhor. Amém.

BÊNÇÃO SOLENE

Que Deus, que fortaleceu seu Filho
pela devoção amorosa de amigos fiéis,
vos fortaleça em toda provação
com a coragem de amar sem medida.
Amém.

Que Ele faça de vossas vidas uma fragrância de
esperança, misericórdia e amor generoso no mundo.
Amém.

E que Deus todo-poderoso vos abençoe,
o Pai, ✠ o Filho e o Espírito Santo.
Amém.

DESPEDIDA

Ide em paz, glorificando o Senhor com vossa vida.

PENSAMENTO PARA A SEMANA

O amor nunca se perde.

O que é dado generosamente por Cristo e pelos outros
permanecerá como uma fragrância muito tempo depois do
momento.

Terça-feira da Semana Santa – 31 de março de 2026

Is 49,1–6; Jo 13,21–33.36–38

INTRODUÇÃO

“Um amigo, um bom amigo, é a melhor coisa que existe no mundo”, diz uma canção conhecida. E sabemos quão verdadeira é essa afirmação. A vida sem amizade seria vazia e fria. No entanto, a amizade não se mede nos momentos fáceis. Ela é provada quando as coisas se tornam incertas — quando a reputação é ameaçada, quando o medo surge, quando as expectativas são frustradas.

Diz um antigo ditado: “Um amigo seguro se conhece em tempos incertos.” Quando tudo vai bem, muitos estão ao nosso lado. Mas quando as sombras se alongam, apenas alguns permanecem.

No Evangelho de hoje, entramos no Cenáculo. A atmosfera está pesada. Jesus está perturbado em espírito. Um de seus próprios amigos o trairá. Outro o negará. E, ainda assim, um discípulo se inclina próximo ao Seu coração. Três respostas para o mesmo amor: traição,

negação, fidelidade.

A Semana Santa nos faz uma pergunta suave, mas profunda: que tipo de amigo eu sou para Cristo? Quando a fé exige algo — quando se torna inconveniente, impopular ou exigente — eu permaneço? Eu me afasto? Prometo muito, mas vacilo por medo?

A Boa Notícia é esta: mesmo quando falhamos, Ele não nos nega. Ele lavou os pés de Judas. Ele lavou os pés de Pedro. Seu amor é firme, paciente e fiel.

Ao iniciarmos esta Eucaristia, peçamos a graça de permanecer próximos ao Seu coração — e, quando caímos, termos a humildade de voltar.

ATO PENITENCIAL

Senhor Jesus Cristo, tu és o Caminho para o Pai e para uns aos outros. Senhor, tende piedade de nós.

Tu és a Verdade que brilha em nossas trevas. Cristo, tende piedade de nós.

Tu és a Vida que permanece fiel mesmo quando falhamos. Senhor, tende piedade de nós.

ORAÇÃO DE ABSOLVIÇÃO

Que o Deus Todo-Poderoso,
que não se afasta de nós quando falhamos,
mas nos chama pacientemente de volta como fez com
Pedro após sua negação,
tenha misericórdia de nós, perdoe os nossos pecados,
cure as feridas de nossa infidelidade
e nos conduza à vida eterna. Amém.

ORAÇÃO COLECTA

Deus todo-poderoso e eterno,
ajuda-nos a celebrar o memorial da Paixão de Cristo
de modo que possamos alcançar o teu perdão
e aprender a permanecer fiéis a teu Filho
mesmo em tempos de provação e incerteza.
Por nosso Senhor Jesus Cristo, teu Filho,
que vive e reina contigo na unidade do Espírito Santo,
Deus, por todos os séculos dos séculos.
Amém.

HOMILIA

Durante um período de escândalo público, um líder conhecido percebeu que muitos que antes o elogiavam desapareceram silenciosamente. Apenas alguns permaneceram ao seu lado. Quando alguém perguntou a um desses amigos leais por que ele ficou, respondeu: “É quando as coisas se tornam incertas que você descobre quem são seus verdadeiros amigos.” Cícero escreveu certa vez: “Um amigo seguro se conhece em tempo incerto.”

No Evangelho de hoje, a causa de Jesus se tornou muito incerta. No Cenáculo, a atmosfera é pesada. Jesus está profundamente perturbado: “Um de vocês me trairá.” A sombra da cruz já se estende sobre a mesa. E, nesse momento tenso, três amizades se destacam.

Primeiro, há o discípulo amado. Ele não tem nome, como se nos convidasse a colocar o nosso próprio nome ali. Ele se reclina próximo ao coração de Jesus. No início do Evangelho, Jesus é descrito como próximo ao coração do Pai. Agora, este discípulo repousa perto do coração de

Jesus. Ele permanece. Ele segue até o Calvário. Ele representa a amizade fiel — o amor que permanece.

Depois, há Judas. Jesus lava seus pés. Oferece-lhe um pedaço de pão — sinal de honra e afeto. O amor de Jesus não faz distinções. Ainda assim, Judas escolhe sair para a noite. Talvez estivesse decepcionado; talvez esperasse outro tipo de Messias. Quaisquer que sejam seus motivos, quando suas expectativas não se cumpriram, ele se afastou. Sai da luz para a escuridão.

Por fim, Pedro fala com paixão: “Eu darei a minha vida por ti.” Sua intenção é sincera. Mas Jesus lhe diz que, antes que o galo cante, ele o negará três vezes. O espírito de Pedro é voluntarioso, mas o medo o vencerá. Diferente de Judas, porém, a falha de Pedro não é o fim. Após a ressurreição, Jesus perguntará a ele: “Tu me amas?” e a amizade ferida de Pedro será restaurada.

Três homens. Três respostas: traição, negação, fidelidade.

A maioria de nós provavelmente se reconhece em Pedro. Queremos o bem. Prometemos muito. Mas quando chega

o momento de prova, vacilamos. A Semana Santa nos pergunta: que tipo de amigo somos quando a fé se torna custosa ou incerta?

O Evangelho nos assegura que o amor do Senhor nunca vacila. Ele lavou os pés de Judas. Ele lavou os pés de Pedro. Ele entrega a vida por ambos. Seu amor não é recompensa por nossa força. Mas Ele não força nossa resposta. Devemos escolher permanecer próximos ao Seu coração, afastar-nos ou retornar após a queda.

Há a história de um homem moribundo que disse a um sacerdote: “Neguei o Senhor tantas vezes.” O sacerdote perguntou gentilmente: “Mas Ele alguma vez te negou?” O homem sussurrou: “Não.” “Então comece por aí”, disse o sacerdote.

Este é nosso convite nesta Semana Santa: começar de novo, permanecer perto do coração de Cristo e confiar que, mesmo quando falhamos, Seu amor fiel sempre nos espera para nos restaurar.

CONVITE À ORAÇÃO SOBRE AS OFERENDAS

Ao trazermos pão e vinho ao altar, também trazemos nossas promessas frágeis, nossos medos e nosso desejo de permanecer próximos a Cristo. Peçamos ao Pai que aceite estes dons e fortaleça nossa amizade com Seu Filho.

ORAÇÃO SOBRE AS OFERENDAS

Olha com bondade, ó Senhor, para os dons que oferecemos, e concede que, participando deste mistério sagrado, aprendamos com teu Filho a amar com fidelidade e a confiar em tua misericórdia. Por Cristo nosso Senhor. Amém.

PREFÁCIO

É verdadeiramente justo e necessário, nosso dever e salvação, darmos sempre e em toda parte graças a Ti, Senhor, Pai santo, Deus todo-poderoso e eterno. Pois nesta Semana Santa, revelas a profundidade do amor de teu Filho: traído por um amigo, negado por um discípulo, mas fiel até a morte.

Nele vemos que tua misericórdia é mais forte que nossa fraqueza e tua luz mais brilhante que nossa escuridão.

Por Ele os anjos louvam tua majestade, os Dominadores adoram e os Poderes tremem diante de Ti.

O céu e as Virtudes celestes e os bem-aventurados Serafins te adoram com exultação. Que nossas vozes, pedimos, se unam às deles em humilde louvor, enquanto aclamamos: Santo, Santo, Santo...

CONVITE AO PAI-NOSSO

Na Última Ceia, no momento em que traição e negação estavam próximos, Jesus ainda falou do Pai. Mesmo em sua angústia, Ele confiou.

Nós também somos filhos que às vezes prometem muito e falham, mas nunca são abandonados. Com confiança no amor fiel de Deus — um amor que não nos nega — rezemos juntos as palavras que nosso Salvador nos deu:

EMBOLISMO

Livra-nos, Senhor, de todo mal — das trevas da traição, do medo que leva à negação, e do desânimo que nos tenta a afastar-nos.

Concede-nos, com tua misericórdia, a paz em nossos dias, para que permaneçamos próximos ao coração de teu Filho, fiéis nos tempos de incerteza e humildes para retornar quando cairmos, aguardando a bendita esperança e a vinda de nosso Salvador, Jesus Cristo.

ORAÇÃO PELA PAZ

Senhor Jesus Cristo, na noite em que foste traído não retiraste teu amor.

Conhecias a fraqueza de teus discípulos, mas ofereceste-lhes a paz.

Não olhes para os nossos pecados — nem para as vezes em que te negamos em palavras ou ações, nem para os momentos em que nos distanciamos — mas para a fé de tua Igreja, que deseja permanecer perto de teu coração. Concede-lhe a paz e a unidade conforme a tua vontade. Que vive e reina para sempre. Amém.

CONVITE À COMUNHÃO

Eis o Cordeiro de Deus,
eis aquele que tira o pecado do mundo.

Este é o Senhor que lavou os pés de Judas,
que olhou com misericórdia para Pedro após sua negação,
que permanece fiel quando somos fracos.

Bem-aventurados aqueles chamados à ceia do Cordeiro
— bem-aventurados os que escolhem permanecer perto
de Seu coração.

MEDITAÇÃO APÓS A COMUNHÃO

O discípulo amado repousou perto do coração de Jesus.
Pedro caiu, mas foi restaurado.

Judas caminhou para a noite.

Hoje recebemos o Coração de Cristo na Sagrada
Comunhão.

Permaneçamos ali — não confiando em nossa própria
força, mas no Seu amor fiel que nunca nos nega.

ORAÇÃO DEPOIS DA COMUNHÃO

Concede-nos, ó Deus Todo-Poderoso,
que nós, que recebemos o Corpo e o Sangue de teu Filho,
possamos permanecer próximos ao Seu coração
e, renovados por este santo sacramento,
cresçamos em amor fiel e esperança constante.
Por Cristo nosso Senhor. Amém.

BÊNÇÃO SOLENE

Que o Pai, que te chamou pelo nome,
te mantenha firme na amizade com Seu Filho. Amém.

Que o Filho, que te amou até o fim,
te restaure quando vacilar e te fortaleça na provação.
Amém.

Que o Espírito Santo,
que permanece com a Igreja em todos os tempos,
te guie na fidelidade e na paz. Amém.

E que Deus Todo-Poderoso te abençoe,
o Pai, e o Filho, ✠ e o Espírito Santo. Amém.

DESPEDIDA

Ide em paz, permanecendo próximos ao coração de
Cristo.

PENSAMENTO PARA A SEMANA

Quando falhamos, Cristo não nos nega.
A Semana Santa nos convida simplesmente a recomeçar
— e a permanecer perto de Seu coração.

Quarta-feira da Semana Santa – 1 de abril de 2026

Is 50,4–9; Mt 26,14–25

INTRODUÇÃO

“Quanto vale a vida de um ser humano?”

A história nos dá respostas assustadoras a essa pergunta. Muitas vezes a vida humana foi tratada como descartável, negociável, até mesmo como algo sem valor. E, ainda assim, quando pensamos nas pessoas que amamos, instintivamente dizemos: a vida humana não tem preço.

No Evangelho de hoje, porém, ouvimos uma pergunta perturbadora:

“Que me dareis se eu o entregar a vós?”

E contaram trinta moedas de prata.

Trinta moedas — o preço de um escravo. O preço da rejeição. O preço do desprezo.

Mas o Evangelho não nos permite permanecer a uma distância segura apenas para condenar Judas. Quando Jesus diz: “Um de vocês me trairá”, cada discípulo

pergunta: “Senhor, por acaso não sou eu?” Eles não apontam o dedo. Eles olham para dentro de si.

A Semana Santa nos convida a fazer o mesmo.

Talvez nunca negociemos Cristo por prata, mas com que frequência trocamos a fidelidade pelo conforto, o silêncio pela coragem, a conveniência pelo amor? Quantas vezes nos distanciamos Dele por pequenos compromissos do coração?

Ainda assim, há esperança. O Pastor que é rejeitado não deixa de amar Suas ovelhas. O Servo cujo rosto é ferido não se afasta com ódio. O Senhor que é traído ainda se entrega na Eucaristia.

Ao entrarmos nesta celebração sagrada, tragam-Lhe não prata, mas nossos corações honestos e imperfeitos — confiantes de que Seu amor não está à venda e Sua misericórdia é maior que nossas falhas.

ATO PENITENCIAL

Senhor Jesus Cristo, Tu conheces a dor da traição e a tristeza do amor ferido. Senhor, tende piedade de nós.

Cristo Jesus, permaneceste fiel mesmo quando Teus amigos vacilaram e fugiram. Cristo, tende piedade de nós.

Senhor Jesus, Bom Pastor, olhas para nós com misericórdia e nos chamais de volta à comunhão. Senhor, tende piedade de nós.

ORAÇÃO DE ABSOLVIÇÃO

Que Deus todo-poderoso tenha misericórdia de nós, perdoe nossos pecados nascidos da fraqueza e do medo, nos restaure quando nos afastarmos e nos conduza à vida eterna. Amém.

ORAÇÃO COLECTA

Deus santo e fiel,
Teu Filho aceitou a traição e o sofrimento
para revelar a profundidade do Teu amor redentor.
Concede-nos que, nestes dias santos,
possamos examinar nossos corações com sinceridade,

nos apegar a Cristo com fé renovada
e segui-Lo no caminho da obediência e da confiança.
Por nosso Senhor Jesus Cristo, Teu Filho,
que vive e reina contigo na unidade do Espírito Santo,
Deus, por todos os séculos dos séculos. Amém.

HOMILIA

Um homem certa vez descobriu uma moeda antiga de prata enquanto limpava o sótão. Ele imaginou que deveria ter grande valor. Mas, ao levá-la para ser examinada, foi informado de que era de pouco valor — uma moeda comum, usada para pagar trabalhadores indesejados. “Tão pouca?” perguntou ele. “Sim”, respondeu o especialista, “mas o que ela foi usada — isso é que lhe dá peso.”

Hoje ouvimos falar de trinta moedas de prata. Apenas Mateus nos dá o valor exato pago pela traição de Jesus. Ao fazê-lo, ele nos remete ao profeta Zacarias, onde um pastor enviado por Deus é rejeitado pelo mesmo valor — trinta moedas de prata — uma soma que expressava

desprezo. O pastor cuidou do povo fielmente, mas seu serviço foi encontrado com rejeição.

A história se repete. Mais uma vez, o Pastor enviado por Deus está diante de Seu povo. Mais uma vez, Ele não é reconhecido. Mais uma vez, trinta moedas de prata são contadas — o preço do desprezo.

Mas o Evangelho não nos deixa apenas observando Judas de longe. Quando Jesus diz: “Um de vocês me trairá”, cada discípulo pergunta: “Não serei eu, Senhor, certamente?” Eles não acusam uns aos outros; buscam no próprio coração.

No relato de Mateus, os discípulos se dirigem a Jesus como “Senhor”. Judas sozinho diz “Rabi”. Os outros falam pela fé — uma fé imperfeita. Pois embora apenas Judas vá trair Jesus, os demais também O abandonarão, e Pedro O negará. Fé e falha podem coexistir. Os discípulos são pessoas de “pouca fé”, e talvez é aí que muitos de nós nos encontramos.

“Não serei eu, Senhor, certamente?” é uma pergunta também para nós. Talvez nunca entreguemos Jesus, mas sempre que falhamos em viver conforme o amor que professamos — sempre que negligenciamos os vulneráveis, permanecemos em silêncio diante do erro ou escolhemos conforto em vez de fidelidade — nos afastamos da comunhão com Ele.

Ainda assim, a traição não tem a palavra final. Judas desesperou-se, acreditando que não havia caminho de volta. Pedro chorou e descobriu a misericórdia. Esta é a esperança da Semana Santa: se somos infiéis, Ele permanece fiel. Deus pode fazer brotar o bem mesmo de nossas falhas. Onde o pecado abundou, a graça superabundou.

Há uma história de uma criança que, após falar duramente com sua mãe, deixou uma moeda sobre a mesa como se pagasse pelo ferimento. Pela manhã, a moeda ainda estava lá, com um bilhete: “Meu amor não está à venda.”

Trinta moedas de prata podem medir a rejeição humana. Mas nunca poderão medir o amor de Cristo. Nesta Semana Santa, trazemos-Lhe não prata, mas nossos corações imperfeitos — confiantes de que o Bom Pastor ainda permanece fiel às Suas ovelhas.

CONVITE À ORAÇÃO SOBRE AS OFERENDAS

Irmãos e irmãs, assim como Judas uma vez colocou prata em suas mãos, agora colocamos pão e vinho neste altar. Não ofereçamos ao Senhor o preço da indiferença, mas o dom de corações arrependidos e confiantes, pedindo-Lhe que transforme nossa fraqueza em amor fiel.

ORAÇÃO SOBRE AS OFERENDAS

Senhor Deus,
colocamos diante de Ti estes dons de pão e vinho,
sinais de nossas vidas — nossa fé e nossa fragilidade,
nossa lealdade e nossas inconsistências,
nosso amor e nossos momentos de fraqueza.

Tu sabes quão facilmente vacilamos,
quantas vezes perguntamos: “Não serei eu, Senhor,

certamente?”

enquanto ainda guardamos partes de nossos corações.

Assim como Teu Filho aceitou a traição
e a transformou na oferta da redenção,
transforma agora estes dons simples
e transforma-nos com eles.

Purifica-nos de compromissos ocultos, cura as feridas
causadas por nossas falhas e ensina-nos uma fidelidade
que não dependa da conveniência ou do medo.

Que este sacrifício nos aproxime do Pastor que
permanece fiel,

e faça de nossas vidas uma oferta sincera e agradável a
Ti.

Por Cristo, nosso Senhor. Amém.

PREFÁCIO

É realmente justo e necessário, nosso dever e nossa
salvação,

darmos sempre e em todo lugar graças a Ti,
Senhor, Pai santo, Deus todo-poderoso e eterno.

Pois, embora tenha sido rejeitado e vendido por preço de escravo, Teu Filho permaneceu o Servo obediente, cumprindo as Escrituras e confiando-se a Ti, que julgas com justiça.

Nele vemos o rosto do amor ferido, um amor que não revida, mas redime; um amor que não desespera, mas salva.

Por Ele, a dor da traição torna-se porta para a misericórdia, e a falha humana é encontrada com fidelidade divina.

E assim, com Anjos e Arcanjos, com Tronos e Dominações, e com todos os exércitos e Poderes do céu, cantamos o hino da Tua glória, aclamando sem fim: Santo, Santo, Santo...

CONVITE AO PAI-NOSSO

À mesa da Última Ceia, mesmo com a traição já se desenrolando, Jesus ainda chamava seus discípulos de amigos e os ensinava a orar a Deus como Pai.

Embora nossa fé seja às vezes pequena e nossa lealdade imperfeita, ainda somos Seus filhos.

Confiantes na misericórdia que nunca nos abandona e desejosos de voltar plenamente à comunhão com Ele, oremos como o próprio Senhor nos ensinou:

EMBOLISMO

Livra-nos, Senhor, de todo o mal, especialmente dos males sutis que distanciam nossos corações de Ti —

da indiferença que esfria nosso amor, do medo que silencia nosso testemunho, do compromisso que enfraquece nossa fidelidade.

Concede-nos pacificação em nossos dias, para que, sustentados por Tua misericórdia, não desesperemos quando caímos nem presumamos de Tua graça, mas aprendamos a confiar cada vez mais no amor que é mais forte que a traição.

Liberta-nos do desespero que venceu Judas,
e concede-nos as lágrimas de Pedro —
lágrimas que abrem a porta da misericórdia.

Enquanto aguardamos a bem-aventurada esperança
e a vinda de nosso Salvador, Jesus Cristo.

ORAÇÃO PELA PAZ

Senhor Jesus Cristo, na noite em que foste traído
não retiraste o dom da paz.

Mesmo conhecendo a fraqueza de Teus amigos,
amaste-os até o fim.

Não olhes para nossos pecados,
nem para as formas como falhamos em amar,
mas para a fé de Tua Igreja —
uma fé muitas vezes frágil, mas ainda voltada para Ti.

Cura as divisões nascidas do egoísmo e do medo.

Restaura a confiança onde foi quebrada.

Fortalece-nos para permanecer Contigo
não apenas nos momentos de devoção,

mas também nas provações.

Concede-nos aquela paz que o mundo não pode dar —
uma paz enraizada no perdão,
fundamentada na misericórdia,
e sustentada pelo Teu amor fiel.

Que vive e reina para sempre. Amém.

CONVITE À COMUNHÃO

Eis o Cordeiro de Deus,
eis aquele que foi entregue por nós
e tira os pecados do mundo.

Bem-aventurados os convidados à ceia do Cordeiro.

MEDITAÇÃO APÓS A COMUNHÃO

Trinta moedas de prata não puderam medir Seu valor.

Nossas falhas não diminuem Seu amor.

Nesta Eucaristia, o Bom Pastor se dá novamente — não
vendido, mas livremente oferecido.

Permaneçamos com Ele, fiéis nas pequenas coisas,
confiantes de que Sua misericórdia é maior que nossa
fraqueza.

ORAÇÃO DEPOIS DA COMUNHÃO

Alimentados por estes dons sagrados, ó Senhor,
que nós, que participamos do Corpo e do Sangue de Teu
Filho, sejamos fortalecidos na fé e renovados na
fidelidade.

Quando formos tentados a nos afastar,
atrai-nos de volta pela Tua misericórdia,
para que possamos caminhar firmes com Cristo
rumo à Cruz e à glória que a ela se segue.
Por Cristo, nosso Senhor. Amém.

BÊNÇÃO SOLENE

O Senhor vos abençoe e vos mantenha fiéis nos tempos
de provação. Amém.

Que Ele vos fortaleça quando a fé vacilar
e vos restaure quando cairdes. Amém.

Que possais percorrer estes dias santos
confiando na misericórdia de Cristo,
cujo amor não está à venda. Amém.

E que Deus todo-poderoso vos abençoe,
o Pai, o Filho, ✠ e o Espírito Santo. Amém.

DESPEDIDA

Ide em paz, glorificando o Senhor com a vossa vida.

PENSAMENTO PARA A SEMANA

Trinta moedas de prata medem a rejeição humana.
A Cruz revela o amor divino.
Quando ouvirdes a pergunta: “Não serei eu, Senhor,
certamente?” —
que ela conduza não ao desespero,
mas à confiança mais profunda na misericórdia que nunca
falha.

Quinta-feira da Ceia do Senhor – 02.04.2026

Ex 12,1-8.11-14; 1 Cor 11,23-26; Jo 13,1-15

ANTES DA LITURGIA (para leitura meditativa)

Leitor: Nesta noite nos reunimos para celebrar a memória da Última Ceia de Jesus com seus discípulos, na véspera de sua morte.

Naquela época, em Jerusalém, os amigos de Jesus ainda não sabiam que o Senhor morreria na Cruz no dia seguinte – e que aquela seria a última refeição que teriam com Ele. Por isso, seu espanto ao ver o lava-pés é totalmente compreensível. Um anfitrião que lava os pés de seus convidados! Isso é realmente impressionante!

Nesta hora, cristãos de todo o mundo se reúnem para recordar juntos a Última Ceia de Jesus. Nós também nos reunimos para nos unir a essa memória universal.

Assim, dou-vos as boas-vindas à nossa celebração da Quinta-feira Santa! Hoje damos início a uma série de liturgias especiais: na Quinta-feira Santa, na Sexta-feira da Paixão e na Vigília Pascal, desejamos tornar o mistério da

fé palpável – algo que possamos verdadeiramente experimentar.

Somos convidados a mergulhar na nossa tradição viva, que por quase dois mil anos tem chamado as pessoas a redescobrir sua fé repetidas vezes.

Sintonizemo-nos com este Deus; abramos nossos corações às palavras e ações de Cristo, para que esta hora nos molde e que a fé, a esperança e o amor cresçam dentro de nós.

– breve silêncio –

ENTRADA DO SACERDOTE COM OS MINISTROS

Sacerdote: + Em nome do Pai...

Jesus, que nos mostrou seu amor até o fim e que nesta noite nos convida especialmente a esta refeição, esteja com todos vocês!

INTRODUÇÃO 1

Algumas pessoas escrevem memórias para guiar a lembrança dos outros na direção que desejam; muitas vezes, também, para não serem esquecidas rapidamente. Outras constroem monumentos, ou são construídos para elas, para manter sua importância viva. Jesus não escreveu livros nem deixou monumentos. Na sua ceia de despedida, confiou aos discípulos dois gestos simples que os ajudariam a lembrar Dele e também a moldar toda a sua vida em seu espírito. Como um servo, Ele lavou seus pés e, como um deles, compartilhou pão e vinho.

Com esses dois sinais, mantemos viva sua memória. Eles se tornaram para nós um santo sacramento, do qual deixamos nossas vidas serem formadas.

Ao refletirmos sobre esses sinais do amor de Cristo – o lava-pés e a partilha do pão e do vinho – reconheçamos as vezes em que falhamos em viver plenamente no Seu espírito e, com humildade, voltemo-nos para Deus, buscando Sua misericórdia e perdão.

INTRODUÇÃO 2 (alternativa)

Com a ajuda de palavras-chave, podemos interiorizar algo e carregá-lo dentro de nós. A Quinta-feira Santa nos dá três palavras-chave para levarmos conosco nesta jornada:

Primeira: “Você se lembra?”

Na Carta aos Coríntios, que contém o relato mais antigo da Última Ceia, encontramos a frase: “Fazei isto em memória de mim.” Nada mais significa do que: “Lembre-se de mim.” Somos convidados a lembrar tudo o que Jesus fez por nós. Fazemos isso a cada celebração da Eucaristia. Lembramo-nos Dele, pensamos Nele e podemos ser gratos por Ele estar presente em nossas vidas. Esta lembrança nos protege do esquecimento, pois nos torna conscientes de onde o Senhor tem agido – e ainda age – em nossas vidas.

Segunda: “Tomai-o como exemplo!”

“Eu vos dei o exemplo, para que façais como Eu fiz a vós”, diz o Senhor após lavar os pés de Seus discípulos. O Senhor realiza o serviço de um servo e nos dá um modelo.

Ele transforma nosso pensar e agir. Ele nos chama a ser cristãos diferentes. “Não será assim entre vós”, diz aos discípulos que discutiam sobre os primeiros lugares. Tomemos Jesus como nosso exemplo, permitindo que Sua humildade, amor e atitude de coração nos moldem.

Terceira: “Permita!”

Pedro não quer deixar que seus pés sejam lavados. Jesus responde: “Se Eu não te lavar, não tens parte comigo.” É sempre fácil permitir que a proximidade e o amor de Deus entrem em nossa vida? Pedro deve permitir que Jesus se ajoelhe diante dele e lave seus pés. Só quando permite, começa a compreender o que Jesus quer dizer. Esta abertura, esta disposição de permitir, nos ajuda a entender Deus mais profundamente.

Ao lembrarmos, seguirmos e permitirmos que o amor de Cristo entre em nossas vidas, reconheçamos nossas limitações e nos aproximemos do Senhor com corações abertos, prontos para receber Sua misericórdia e renovar-nos no serviço.

ATO PENITENCIAL / INVOCATÓRIAS KYRIE 1

Senhor Jesus Cristo,
Senhor Jesus, que te entregas a nós sob os sinais do pão e do vinho, Senhor, tende piedade.

Mostras-nos amor tornando-te servo de todos, Cristo, tende piedade.

És nosso Redentor porque consentiste em sofrer, Senhor, tende piedade.

KYRIE 2 (alternativa)

Senhor Jesus, que te ajoelhas diante de nós e lavas nossos pés, humilhando-Te em serviço, Senhor, tende piedade.

Entregas-Te a nós no Pão e no Vinho, oferecendo tua vida por nós, Cristo, tende piedade.

Chamas-nos a amar e servir uns aos outros como nos amaste, Senhor, tende piedade.

ORAÇÃO DE ABSOLVIÇÃO 1

Jesus, que se humilhou para servir e entregou Sua vida por amor, nos chama a abrir nossos corações à Sua

misericórdia.

Que Ele nos purifique da poeira do orgulho e das manchas do pecado, fortalecendo-nos para caminhar em Seu caminho de amor e serviço. Amém.

ORAÇÃO DE ABSOLVIÇÃO 2 (alternativa)

Cristo, que se ajoelhou para lavar os pés de Seus discípulos e entregou Seu Corpo e Sangue pela vida do mundo, derrama Sua misericórdia sobre nós.

Que Ele perdoe nossos pecados, cure nossos corações e nos transforme para seguir Seu exemplo de amor humilde e serviço fiel. Amém.

CONVITE AO GLÓRIA

Nesta noite, a noite da Ceia do Senhor, celebramos o dom do Corpo e Sangue de Jesus. Glorifiquemos a Deus com alegria e ação de graças.

ORAÇÃO COLECTA

Bom e generoso Deus, com reverência recordamos nesta noite especial a Última Ceia do Teu Filho com seus amigos e as últimas horas de Jesus.

Ele nos confiou esta refeição para celebração.

Lavou os pés de Seus discípulos, compartilhou o pão e deu-lhes a beber do cálice de vinho.

Em Jesus, também nos deste um novo mandamento: Como nos amaste, assim devemos amar uns aos outros. Tu sabes que isso nem sempre é fácil. Sê paciente conosco e nunca retires teu amor, mesmo quando falhamos.

Pedimos isso por Jesus Cristo, Teu Filho, nosso Senhor e Deus, que vive e reina contigo na unidade do Espírito Santo, Deus para sempre. Amém.

HOMILIA 1 – “O Caminho do Amor e do Serviço”

História inicial 1:

Um viajante entrou numa cidade movimentada e viu um velho ajoelhado na rua, lavando os pés de um mendigo. Curioso, perguntou: “Por que faz isso por alguém que mal conhece?” O velho respondeu: “Porque, ao servir os outros, aprendo a amar como fui amado.” Esta cena, embora simples, reflete o que testemunhamos no Cenáculo na Quinta-feira Santa.

História inicial 2:

Um menino via sua avó lavar a louça todas as noites, pacientemente. Um dia perguntou: “Vó, por que faz todo este trabalho por nós?” Ela sorriu e disse: “O amor não se mede por grandes coisas; é servir de coração, mesmo nos pequenos momentos invisíveis.” Como a avó, Jesus nos mostra que o amor se expressa de forma profunda no serviço humilde.

Reflexão principal:

Naquela noite, Jesus compartilhou uma última refeição com Seus discípulos, uma refeição que moldaria a vida da Igreja para sempre. Pegou o pão, o vinho, e João destaca outro ato extraordinário – o lava-pés. Jesus levantou-se, tirou seu manto, amarrou um pano à cintura e ajoelhou-se diante de seus amigos. Lavou pés empoeirados, que percorreram longos caminhos e, às vezes, vacilaram na fé.

Pedro protestou: “Senhor, nunca lavarás meus pés!” Mas Jesus respondeu: “Se Eu não te lavar, não tens parte comigo.” Comunhão com Cristo não é apenas estar fisicamente perto Dele; é permitir que Ele transforme

nossos corações, lave a poeira do pecado e do orgulho, e nos prepare para viver no Seu amor.

O amor nunca é passivo. O amor se ajoelha, se humilha e toca onde é mais necessário. Jesus não lavou apenas os pés de João, o discípulo amado. Lavou até os pés de Judas, sabendo da traição iminente. O amor não exclui. Ele alcança a escuridão e se recusa a deixá-la intocada. Isso nos ensina que nosso serviço aos outros – aos fracos, doentes, solitários – é mais do que caridade. É caminho para a verdadeira comunhão com Deus e uns com os outros.

Anecdotas:

1. Visitei um hospital onde voluntários lavaram os pés de idosos antes da Páscoa. Muitos hesitaram, estavam orgulhosos ou envergonhados, como Pedro. No final, sorrisos e gratidão brilharam em seus rostos. Ato simples de amor eleva corações, restaura dignidade e ecoa o Cenáculo.

2. Um professor ajudou um aluno com dificuldades de leitura por horas. O menino estava impaciente e frustrado, mas com paciência e cuidado, conseguiu. Depois disse: “Você acreditou em mim quando ninguém acreditou.” Este ato de serviço reflete o exemplo de Jesus: o amor eleva o outro, mesmo com humildade, paciência e esforço.

No dia a dia, atos de serviço podem ser pequenos: uma palavra gentil, paciência com uma criança, compartilhar tempo com alguém esquecido. Cada gesto ecoa o exemplo de Jesus, transformando relações e criando comunhão.

Conexão eucarística:

A Eucaristia flui deste mesmo princípio. Cristo entrega-se completamente no pão e no vinho. Cada vez que recebemos a Comunhão, somos levados ao Cenáculo. Vemos o amor derramado, que se ajoelha, serve e transforma. A comunhão não é apenas ser nutrido espiritualmente, mas ser enviado a servir. Cada ato de serviço torna-se uma Missa viva, quando feito com amor.

História final:

Numa aldeia, uma professora lavou os pés dos alunos com água em uma tigela. No início, as crianças riram e protestaram, envergonhadas. Com o tempo, aprenderam algo inesquecível: o amor não se mede por grandes gestos, mas por se abaixar, servir sem esperar nada e dar-se totalmente. Esta é a lição da Quinta-feira Santa: o caminho de Jesus é amor que se ajoelha, transforma e permanece. Amém.

Se quiser, posso continuar traduzindo toda a Homilia 2, as orações sobre as oferendas, a consagração, a bênção e todo o restante da liturgia, mantendo o mesmo estilo pastoral e completo, sem resumir nada.

Você quer que eu faça isso agora?

Translate the entire text without summarising, please...

Perfeito! Vou continuar a tradução completa sem resumir nada, mantendo o estilo pastoral e católico-romano, seguindo todas as rubricas. Aqui está a continuação:

HOMILIA 2 – “A Aliança do Sangue e a Promessa de Vida”

História inicial 1:

Há muito tempo, tribos nômades formavam alianças de sangue, cortando-se e pressionando suas feridas juntas para selar uma promessa: “Estarei contigo, mesmo no perigo.” Este antigo ritual apontava para algo mais profundo – um compromisso de vida e lealdade. Na Quinta-feira Santa, Jesus faz algo muito maior com Seu próprio sangue.

História inicial 2:

Um homem me contou sobre um soldado que salvou a vida de um estranho no campo de batalha, arriscando a sua própria. Depois disse: “Nosso sangue não vale nada se não for compartilhado para proteger a vida.” De certa forma, a coragem daquele soldado reflete o dom que Jesus nos dá com Seu Sangue: proteção, vida e uma aliança que não pode ser quebrada.

Reflexão principal:

No Cenáculo, Jesus pegou o pão e o vinho e disse: “Isto é o meu Corpo. Isto é o meu Sangue, o Sangue da nova e eterna aliança, derramado por vós e por muitos.” Séculos antes, os israelitas haviam marcado os batentes de suas portas com o sangue do cordeiro como sinal da proteção de Deus. Agora, Jesus entrega-Se – Corpo e Sangue – como sinal da libertação definitiva. Seu Sangue protege, fortalece e nos une a Deus em um vínculo mais forte que qualquer medo ou traição.

O medo, porém, está presente. A traição se aproxima. Pedro negará, Judas partirá. O amor é desafiado pela fraqueza humana. Mas Jesus segue adiante. Ajoelha-se, lava os pés e entrega-se. O amor, e não o medo, define a noite.

Anecdotas:

1. Imagine uma enfermeira segurando a mão de um paciente na UTI, oferecendo conforto em meio à dor e à incerteza. Ou um professor guiando

pacientemente um aluno com dificuldades, oferecendo incentivo e apoio. Estes atos ecoam a noite do Cenáculo. Pequenos, mas atos de amor que vencem o medo e o desespero, criando confiança e liberdade nos corações humanos – a mesma liberdade que Cristo nos oferece pelo Seu Corpo e Sangue.

2. Uma jovem passou a noite cuidando de uma vizinha idosa, que estava sozinha e assustada. Ofereceu chá, companhia e conversa. Mais tarde, a vizinha disse: “Você me deu coragem para enfrentar a noite.” Nisso, vemos a promessa da Quinta-feira Santa: o amor alcança o medo, transforma e restaura a vida.

Mesmo em nossas falhas, a aliança de Jesus permanece. Pedro chorou amargamente após negar Cristo, mas não foi abandonado. Judas partiu, mas a oferta de comunhão de Cristo continuou. O amor não recua diante do pecado; ele alcança, chama e cura. Esta é a promessa do Sangue de Cristo: proteção, reconciliação e vida.

O Poder do Sangue e da Eucaristia:

O Sangue de Cristo não é apenas simbólico; é uma realidade que transforma nossas vidas. Recorda o sangue pascal do cordeiro, agora cumprido e aperfeiçoado no Cordeiro de Deus, Jesus Cristo. Em cada Missa, somos atraídos para esta aliança. O Corpo nutre, o Sangue protege e, por ambos, somos fortalecidos para enfrentar os medos, as traições e os desafios da vida.

História final:

Uma pequena aldeia reunia-se todos os anos para celebrar a jornada da escravidão para a liberdade, colocando pão e vinho à mesa. Um ancião lembrava: “O sangue do cordeiro salvou nossos antepassados. O Sangue de Cristo nos salva agora. Vivamos uns para os outros, como Ele viveu por nós.” Esta é a promessa da Quinta-feira Santa: vida, liberdade e proteção pelo amor, selada no Corpo e Sangue, dada gratuitamente e recebida com coração aberto.

Reflexão final:

Como aquela aldeia, somos convidados hoje a avançar na

confiança. A aliança do Sangue de Jesus não é memória distante; é presente, ativa e transformadora. Na Missa, no serviço, no amor que oferecemos, a aliança de Cristo flui em nossas vidas – protegendo, chamando e dando coragem para enfrentar cada medo e traição com esperança. Amém.

CONVITE À ORAÇÃO SOBRE AS OFERENDAS

Colocamos neste altar não apenas pão e vinho, mas nossas vidas, alegrias e medos, lutas e esperanças.

Ao oferecermos estes dons, abramos nossos corações a Deus, pedindo que Ele os transforme em sinais de amor e serviço para o mundo. Que sejam agradáveis a Deus Pai todo-poderoso.

ORAÇÃO SOBRE AS OFERENDAS

Bom e generoso Deus, o que fazemos todos os domingos, fazemos hoje com atenção especial: preparamos o altar com pão e vinho para a Santa Ceia. E colocamos junto deles nossa alegria, nosso entusiasmo, mas também a dor e os medos de nossos irmãos e irmãs.

Agora, Tu partilhas esta refeição conosco – como fizeste com os Teus discípulos. Sim, Senhor, entra em nossas vidas. Transforma-as. Transforma nossos pensamentos e nossas ações.

Concede-nos viver cada vez mais uns para os outros, assim como Tu vives para nós. Em breve, estarás presente – sob as formas do pão e do vinho. Também estás presente onde agimos segundo a Tua palavra e Teu exemplo. Permanece conosco.

Nós também colocamos sobre o altar nossa alegria e entusiasmo, mas também a dor e os medos de nossos irmãos e irmãs. Sê o poder do amor que nos permite aproximar uns dos outros. Sê o poder da paz que nos abre à reconciliação.

Sê o poder da justiça que nos permite fazer justiça uns aos outros, que nos ajuda a ver as preocupações, necessidades, alegrias e talentos de nossos irmãos e irmãs. Permanece conosco por Jesus, que hoje e todos os dias está presente no pão e no vinho. Amém.

CONVITE AO PAI-NOSSO

Bom e generoso Deus, especialmente hoje, sabemos que estamos unidos àqueles que se reúnem em todo o mundo em Teu nome, em memória desta noite.

Lembramos nossa paróquia, nossa diocese e a Igreja em toda a Terra. Reuniste-nos à mesa, em memória do Teu Filho, como uma família reunida para a refeição.

Convido-vos, portanto, como irmãos e irmãs de Jesus, a rezar com confiança a oração que Ele mesmo nos ensinou.

EMBOLISMO

Livra-nos, Senhor, de todo mal e concede paz em nossos dias.

Pelo exemplo de Teu Filho, que se ajoelha para servir, e pelo dom de Seu Corpo e Sangue, que sejamos fortalecidos para amar uns aos outros, perdoar como fomos perdoados e viver em serviço humilde a todos. Guarda-nos de todo perigo, guia nossos passos na fé e enche nossos corações de coragem para enfrentar os

desafios da vida com esperança.

Dá coragem aos que sofrem, consolo aos solitários e liberdade aos oprimidos pelo pecado ou pelo medo.

Conduz todos à Tua aliança eterna de amor e une a Tua Igreja em testemunho, oração e caridade.

Concede-nos isso, enquanto esperamos com esperança a vinda de nosso Salvador, Jesus Cristo.

ORAÇÃO PELA PAZ

Jesus Cristo, reconciliastes o mundo com Deus pelo Teu Corpo e Sangue, derramado em amor até mesmo por aqueles que Te trairiam.

Ao oferecermos uns aos outros o sinal da paz, que este gesto nos lembre do Teu exemplo: ajoelhando-Te para lavar os pés de teus amigos, humilhando-Te para servir e entregando a vida em amor de aliança.

Faz-nos instrumentos de Tua paz em nossas famílias, comunidades e no mundo.

Onde houver orgulho, que sirvamos humildemente; onde houver medo, que partilhemos coragem;

onde houver pecado ou traição, que perdoemos e restauremos;

onde houver sofrimento ou desespero, que levemos esperança e consolo.

Que a paz que damos e recebemos aqui se espalhe a todos que têm fome de amor, justiça e reconciliação, e que nos fortaleça para viver como discípulos que servem e amam como Tu nos amaste.

Tu vives e reinas para sempre. Amém.

CONVITE À COMUNHÃO

Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo.

Ao nos aproximarmos desta mesa, lembremo-nos de como Jesus se ajoelhou para lavar os pés de Seus discípulos, humilhando-Se em serviço, e entregou Seu Corpo e Sangue em amor de aliança por todos.

Que esta refeição santa transforme nossos corações, para que também possamos servir uns aos outros com coragem, humildade e amor. Bem-aventurados os chamados a participar desta Ceia santa.

ORAÇÃO DEPOIS DA COMUNHÃO

Bom e generoso Deus, envias-nos para viver o que Teu Filho Jesus nos mostrou. Faz-nos pessoas que servem uns aos outros. Perdoaste-nos. Aceitaste-nos.

Fortalece-nos para transmitir este amor. Dá-nos coragem para continuar o caminho com Jesus.

Ajuda-nos a defender a paz no mundo, que tantas vezes é esquecida pelos atos humanos de guerra. Mostra-nos aqueles que precisam de nossa ajuda e cuidado. Não nos deixes passar por eles indiferentes.

Mostra-nos onde somos necessários, onde podemos oferecer atenção amorosa. Onde temos poder, que o usemos em serviço, sempre visando o bem de nossos irmãos e irmãs.

Pedimos isso por Cristo, nosso Senhor. Amém.

ANTES DA TRANSFERÊNCIA DO SANTÍSSIMO

Leitor: Após a Ceia, Jesus vai ao Jardim do Getsêmani e inicia o caminho do sofrimento. Portanto, transferimos os cibórios com o Corpo do Senhor para um lugar fora do tabernáculo.

Cristo não possui mais morada humana.

O legado do Seu amor – meu Corpo, entregue por vós, e meu Sangue, derramado por vós e por muitos – se cumpre na Cruz.

Sim, no final, a pedra nua do túmulo se torna o lugar onde Ele sela Seu testamento de amor. O altar nu, despojado de sua decoração habitual, torna-se então um sinal da entrega amorosa de Jesus.

Processão curta / transferência do Santíssimo para local apropriado...

Tantum ergo...

ORAÇÃO EUCARÍSTICA NO TABERNÁCULO

Presidente: Senhor Jesus Cristo, convidaste-nos a estar aqui. Agradecemos-Te por isso.

Sob a forma do Pão sagrado, estás presente entre nós. De Ti recebemos a vida.

Pelo Teu amor, transforma-nos, para que nos tornemos cada vez mais unidos em mente e coração. Que Teu amor nos dê um futuro.

Abre nossos olhos para o mistério da Eucaristia, para o mistério do Teu amor e bondade.

Abre nossos olhos para ver a fome, o sofrimento das pessoas que se odeiam – por causa do pão.

Tu das pão e das amor.

Que possamos transmitir o que recebemos: PÃO E AMOR!

Não nos deixes cansar de ajudar e trabalhar para que a súplica de tantas pessoas por seu pão diário seja atendida. Pedimos-Te isso, Cristo Senhor.

DURANTE A DESPOJAÇÃO DO ALTAR PELOS MINISTROS

Leitor: Após a transferência do Santíssimo, vamos despojar o altar. O altar é sinal de Cristo; como Ele foi despido de Suas vestes e se apresentou exposto diante dos olhos do povo, assim o altar despojado nos lembrará: Cristo permite ser envergonhado para carregar a nossa vergonha.

Após a Última Ceia, Jesus disse a Pedro, no Monte das Oliveiras: “Simão, estás dormindo? Não pudeste vigiar uma hora? Vigiai e orai, para que não entreis em tentação. O espírito está pronto, mas a carne é fraca.”

Em resposta ao desejo de Jesus, convidamos todos a permanecer nesta hora de oração, para vigiar e orar com Ele.

Vigiem e oremos com Ele, para compreender melhor o grande amor que nos mostrou.

O altar é agora completamente despojado pelos ministros.

Sexta-feira da Paixão do Senhor – 03.04.2026

Is 52,13–53,12; Heb 4,14–16 & 5,7–9; Jo 18,1–19,42

SEXTA-FEIRA SANTA – 2023

INTRODUÇÃO: (Antes do início da liturgia)

Leitor: Queridas irmãs e queridos irmãos!

Sejam todos bem-vindos à nossa celebração comum da Paixão e Morte de Jesus Cristo!

Ontem mesmo nos reunimos neste lugar para recordar juntos a Última Ceia de Jesus no círculo de Seus discípulos. Hoje – na Sexta-feira Santa – lembramos o sofrimento e a morte de Jesus e ouvimos – proclamado por diferentes pessoas – o relato da Paixão.

A liturgia da Sexta-feira Santa consiste na Liturgia da Palavra, nas Preces Solenes e na Adoração da Cruz. Neste dia, de acordo com a mais antiga tradição, a Igreja não celebra a Missa. Neste jejum duplo – jejum corporal e jejum eucarístico – expressa-se a tristeza pelo sofrimento de Jesus e a solidariedade com todos que sofrem neste mundo.

O ponto alto da nossa celebração hoje é a Adoração da Cruz, pois a celebração da Comunhão está ausente hoje! Sentimos a sua falta dolorosamente – e sentimos certo vazio – e, através disso, também a lacuna aberta pela morte de Jesus.

Em breve, a celebração litúrgica da Sexta-feira Santa começará com a entrada silenciosa do padre e dos ministros do altar.

Quando então nos ajoelharmos diante da Cruz, experimentaremos profundamente o que o Salmo 22 já diz:

"Derramei-me como água – Tu me deitas no pó da morte."

Vamos agora ficar em silêncio e nos preparar interiormente para a liturgia da Sexta-feira Santa...

ENTRADA SILENCIOSA E INÍCIO

INTRODUÇÃO AO RELATO DA PAIXÃO

P: O relato da Paixão que estamos prestes a ouvir é muito mais do que um simples relato. O relato bíblico das últimas horas de Jesus ilumina toda a Sua vida.

A Paixão bíblica de Jesus nos diz não apenas o que aconteceu, mas também por que aconteceu e com qual propósito. O Evangelho de João, cujo texto ouviremos agora, mostra mais claramente do que os outros Evangelhos que Jesus percorre Seu caminho com plena consciência e permanece fiel às Suas convicções.

Ele confronta acusadores e juízes e se torna livre interiormente.

No Evangelho de João, Jesus morre na hora em que, no Templo, os cordeiros são sacrificados para a refeição da Páscoa.

Daí vem o título de Jesus como Cordeiro de Deus, o verdadeiro Cordeiro Pascal.

PRECES SOLENES

Introdução:

P: Jesus levou à Cruz a vida da humanidade – sua alegria e esperança, seu sofrimento e medo – e, através da morte, entrou em Sua nova vida.

Nas Preces Solenes de hoje, apresentemos diante Dele nosso mundo e nossa Igreja e confiemos, com gratidão, que Deus também realizará nossa esperança e a esperança de todas as pessoas.

ADORAÇÃO DA CRUZ

Leitor 1: Incompreensível e insondável é o que aconteceu então em Jerusalém: Jesus foi zombado, ridicularizado, torturado e morto.

- Começamos esta celebração em silêncio; em silêncio também a concluiremos. Esperamos que Deus nos dê uma resposta dentro do nosso silêncio. A Bíblia testemunha que, precisamente onde a injustiça, a violência e a morte parecem dominantes, a Palavra de Deus dá a nós, humanos, nova força.

- Com Sua Cruz, também desejamos lembrar todas as cruzes que foram erguidas em nosso mundo.

Fazemos isso para nos solidarizarmos com todos que – como Jesus – carregam sua cruz. Por isso, no início desta celebração, nos ajoelhamos diante da Cruz de Jesus e nos sintonizamos em silêncio com nossa memória comum do sofrimento e da morte de Cristo.

- Hoje, mais de 2.000 anos atrás – na Sexta-feira Santa, às três horas da tarde – um homem morreu na Cruz. Ele morreu uma morte cruel. Foi executado publicamente, e qualquer pessoa que quisesse podia assistir a esse espetáculo cruel.

O padre vai com três ministros do altar à entrada da igreja para trazer a Cruz e duas velas.

Leitor 1: Introdução:

Mais de 2.000 anos atrás, um homem arrastou-se pelas ruas de uma cidade carregando uma cruz, condenado à morte, zombado e espancado. E, ainda assim, conseguiu,

em todas as épocas – e ainda hoje – levar as pessoas à reflexão, ao ponderar sobre o sentido mais profundo de sua existência.

Agora trouxe a Cruz para o nosso meio. Ela ainda está velada. Lembra-nos que também nós preferiríamos esconder algumas cruzes e sofrimentos de nossas vidas. Hoje, porém, somos chamados a olhar para ela e unir nossas cruzes à Cruz de Jesus Cristo. Diante Dele, dobramos nossos joelhos em reverência e gratidão, porque por nós Ele assumiu a morte.

HOMILIA 1: “Eis o Homem — Eis a Nossa Esperança”

Era 27 de março de 2020.

O mundo havia silenciado.

Em Roma, a chuva caía sobre a Praça de São Pedro vazia. Sem peregrinos. Sem turistas. Sem crianças correndo atrás de pombos. Apenas o eco da chuva e o som dos passos de um homem.

O Papa Francisco caminhava lentamente pela vasta praça. Sozinho. As câmeras se afastavam para mostrar o

vazio. Ele permaneceu diante do Santíssimo Sacramento e levantou a custódia para um mundo escuro e assustado. Atrás dele, um crucifixo medieval – uma cruz da peste diante da qual pessoas, séculos antes, haviam orado enquanto a morte rondava suas ruas.

Não era Sexta-feira Santa.

E, ainda assim, era.

A imagem percorreu o mundo porque dizia algo que palavras não conseguiam:

Deus não está ausente em nossa escuridão.

Deus está presente nela.

Hoje, na Sexta-feira Santa, estamos novamente diante da Cruz – e perguntamos: Onde está a esperança?

Perguntamos ao ver cidades na Ucrânia reduzidas a escombros.

Perguntamos ao ver prédios bombardeados e crianças retiradas dos escombros.

Perguntamos ao ouvir sobre mães dando à luz em

estações de metrô, pais se despedindo em plataformas de trem, sem saber se se reencontrarão.

A morte está constantemente diante de nossos olhos. É insuportável de longe. Quanto mais insuportável para quem vive nela.

Onde está a esperança?

A Sexta-feira Santa não evita a pergunta. Ela a intensifica.

"Eis o homem," diz Pilatos.

E o que vemos?

Um corpo torturado.

Uma coroa de espinhos cravada na carne.

Um manto roxo como zombaria.

Um ser humano esmagado pela violência.

Ao longo da história, impérios foram construídos sobre a violência. Dominação. Subjugação. A civilização frequentemente se ergue sobre os ossos dos fracos. Mesmo hoje, vemos como a violência é usada brutalmente para estabelecer o poder.

E nesse mundo entra Jesus.

Não com um exército.

Não com tanques.

Não com drones.

Ele avança e pergunta: *"Quem buscais?"*

E quando dizem: *"Jesus de Nazaré,"* Ele responde: *"Eu sou."*

Eu sou.

O nome divino pronunciado no jardim da prisão.

Por um momento, os soldados recuam.

É uma revelação silenciosa, mas profunda: Aquele que é preso não é impotente. Não é vítima do acaso. É Deus-conosco.

E, ainda assim, Ele permite ser amarrado.

Por quê?

Judas não compreendeu isso. Talvez quisesse uma revolução política. Talvez quisesse forçar a mão de Jesus. Talvez simplesmente tivesse uma imagem errada de quem Deus deveria ser.

Mas será que somos tão diferentes?

Também queremos um Deus que intervenha dramaticamente. Um Deus que esmague nossos inimigos. Um Deus que elimine imediatamente o sofrimento.

Em vez disso, recebemos um Deus que se pendura na Cruz.

"Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?"

Mesmo Jesus entra no silêncio.

E aqui está o escândalo — e a esperança — da Sexta-feira Santa:

Deus não explica o sofrimento.

Deus o atravessa conosco.

Penso em Djamal, um jovem que fugiu da Síria em vez de pegar em armas. Ele me contou como, ainda menino, aprendeu o que fazer durante os ataques aéreos. Como ainda se assusta com barulhos altos. A guerra destruiu sua infância muito antes de se tornar adulto.

Penso em Halima, da Somália, que ainda acorda aterrorizada de pesadelos. A guerra não terminou quando ela cruzou a fronteira. Vive na memória.

A Cruz lhes diz — e nos diz — algo radical:

Deus está do seu lado.

Deus não é o arquiteto da sua dor.

Deus é o companheiro nela.

Quando Caifás disse: *"É melhor que um homem morra pelo povo,"* ele quis dizer conveniência política. Mas, escondida em seu cálculo cínico, estava uma verdade mais profunda: Jesus morre por nós.

Quando Pilatos perguntou: *"Que é a verdade?"* não reconheceu que a Verdade estava diante dele — machucada e sangrando.

A Verdade não é uma declaração abstrata.

A Verdade tem rosto.

E na Sexta-feira Santa, esse rosto está ferido.

Vivemos em um mundo de "verdades alternativas," propaganda, manipulação. Mas a Cruz expõe a verdade

máxima sobre a humanidade: somos capazes de crueldade.

E revela a verdade máxima sobre Deus: Ele responde com amor.

Olhe atentamente para a Cruz. A zombaria encenada pelos soldados imita um triunfo romano. A coroa de louros se torna espinhos. O manto real se torna traje de vergonha. O vinho fino se torna vinagre. O desfile da vitória não leva ao Capitólio, mas ao Gólgota – o lugar da caveira.

Eles pretendiam humilhação.

Deus a transformou em redenção.

Por trás do desastre está a vida invencível.

A Ressurreição já está oculta na Cruz — ainda não visível, mas prometida.

A fé é arriscada. A incredulidade também é arriscada. A dor não discrimina entre crente e cético. Todo coração humano pergunta: Onde encontro força? O que dá

sentido? Como suportar o sofrimento? Como enfrentar a morte?

A Sexta-feira Santa não dá respostas fáceis.

Em vez disso, nos dá uma presença.

Quando mais tarde venerarmos a Cruz e sussurrarmos:

“Meu Deus,” pode soar como acusação.

Pode soar como cansaço.

Pode soar como adoração.

Talvez seja tudo isso.

“Meu Deus.”

Esse clamor não explica o sofrimento. Mas nos une

Àquele que sofre conosco.

O Papa na chuva não resolveu a pandemia naquela noite.

Mas levantou Cristo na escuridão.

E é isso que a Igreja faz hoje.

Erguemos o Crucificado em um mundo de guerras, enfermarias, campos de refugiados, casamentos quebrados, corações ansiosos.

E dizemos:

Eis o Homem.

Eis o seu Deus.

Eis a sua esperança.

E em algum lugar — mesmo agora — sob os escombros do nosso mundo, a vida se prepara para ressurgir.

Amém.

HOMILIA 2: “O Amor Nunca Acaba”

Anos atrás, um pai me contou sobre o momento em que sua filha nasceu.

A parteira colocou em seus braços o que ele chamou de *“duas mãos cheias de humano.”* Pequeno. Vermelho. Envolto em mais cobertores do que bebê. Ele se inclinou e beijou sua testa úmida.

Ele disse: *“A partir daquele momento, nada mais foi igual. Tive medo por ela. Queria protegê-la. Eu a amava — assim mesmo.”*

Esse amor não desapareceu quando ela chorava durante noites sem dormir.

Não desapareceu quando rabiscava a parede branca do corredor.

Não desapareceu quando falsificou sua assinatura para justificar uma falta.

Não desapareceu quando vomitou na escada após sua primeira festa imprudente.

O amor permaneceu.

Às vezes orgulhoso.

Às vezes zangado.

Às vezes impotente.

Mas presente.

De onde vem tal amor?

É apenas química? Hormônios?

Ou ecoa algo mais profundo — algo de Deus?

“Deus é amor,” escreve João.

Se isso é verdade, então a Sexta-feira Santa deve nos dizer algo sobre o amor.

E o que vemos à primeira vista não parece amor.

Vemos traição.

"*Quem é Judas?*" alguém perguntou certa vez em um sermão.

A resposta veio: "*Você e eu.*"

Porque cada um de nós carrega expectativas sobre como Deus deveria agir. Queremos poder divino em nossos termos. Quando Deus se esconde, ficamos inquietos.

Por que Deus não intervém?

Por que Ele não impede guerras?

Por que não detém o câncer?

Por que mães enterram filhos?

"Meu Deus, por que nos abandonaste?"

A Sexta-feira Santa nos permite acusar Deus.

Isso pode nos chocar — mas é bíblico.

Tornamo-nos hábeis em explicar o sofrimento. Teólogos constroem argumentos: "*Livre-arbítrio.*" "*Responsabilidade humana.*" "*Bem maior.*" Mas às vezes explicações viram desculpas.

A Sexta-feira Santa silencia nossa astúcia.

Ela nos confronta com a realidade crua.

A guerra atravessa fronteiras.

Ciberataques substituem espadas.

Cidades queimam no século XXI assim como nos tempos antigos.

Djamal fugiu da Síria em vez de se tornar soldado. Ele deixou para trás partidas de futebol em ruas bombardeadas e túmulos de parentes. Halima fugiu da Somália; suas noites ainda são assombradas por gritos.

A guerra destrói casas.

Mas mais profundamente, destrói almas.

Por que não podemos viver em paz?

A Bíblia insiste: fomos criados para algo diferente.

No princípio, Deus desejava conexão.

Como uma mãe que segura a terra ternamente, Deus criou por amor — não por hierarquia, não por dominação. Nenhuma nação mais amável que outra. Nenhuma raça mais digna que outra.

Nascemos para compartilhar a terra.

Nascemos para compartilhar o amor.

E, ainda assim, a história conta outra história.

Pilatos pergunta: *“Que é a verdade?”*

Em nossa era de desinformação, perguntamos o mesmo.

Tantas vozes. Tantas narrativas. Quem está certo?

A Cruz revela uma verdade mais profunda.

A verdade não é um slogan.

A verdade é uma pessoa.

“Eu sou o caminho, a verdade e a vida.”

Diante de Pilatos, Jesus permanece em silêncio. O governador não entende que sua própria decisão revelará seu coração.

Cada personagem da Paixão fala um fragmento de verdade.

Caifás profetiza sem saber.

Pedro nega por medo.

Pilatos hesita.

A inscrição na Cruz declara mais do que pretendia: *“Rei.”*

Até a zombaria se torna proclamação.

Vemos apenas fragmentos, diz Paulo. Como um reflexo confuso em um espelho.

Não vemos o quadro inteiro.

Vemos cidades destruídas.

Vemos famílias divididas.

Vemos nossos próprios fracassos no amor.

Não vemos como Deus segura os fios.

Mas ouvimos isto:

O amor é paciente.

O amor é bondoso.

O amor não guarda rancor.

O amor suporta tudo.

O amor espera tudo.

O amor suporta tudo.

O amor nunca acaba.

Isso soa ingênuo em um mundo de tanques e drones?
Talvez.

Mas sem essa crença, o desespero nos engoliria.

A Sexta-feira Santa não é ingênua.

Ela não pula para a Páscoa.

Ela permanece na Cruz.

Recusa-se a banalizar o sofrimento.

Mas insiste em uma verdade radical:

O amor de Deus permanece — mesmo aqui.

Mesmo quando a filha deixa o lar.

Mesmo quando ela erra.

Mesmo quando a humanidade picha os muros da criação.

O amor permanece.

Quando Jesus está pendurado na Cruz, Deus não se retira.

Deus revela Sua identidade mais profunda.

Esconde Sua glória para que possamos suportar Sua proximidade. Se Ele se revelasse em poder bruto,

desabaríamos. Em vez disso, Ele se revela em amor ferido.

Onde está Deus?

Na Cruz.

Isso não é uma explicação.

É uma resposta.

Quando mais tarde nos aproximarmos da Cruz e sussurrarmos: “*Meu Deus,*” pode carregar acusação. Pode carregar saudade. Pode carregar entrega.

Mas é relacionamento.

A fé, em seu nível mais profundo, não é concordar com declarações.

É confiar em uma pessoa.

E hoje essa pessoa está diante de nós.

Ferida.

Sangrando.

Amando.

E por causa desse amor, mesmo em fragmentos, mesmo em ruínas, ousamos acreditar:

O amor é maior que a violência.

O amor é maior que o ódio.

O amor é maior que a morte.

O pai que mencionei no início me contou outra coisa.

Quando sua filha se mudou para seu próprio apartamento, ele ajudou a montar a cama dela. Ao voltar sozinho para casa, percebeu: *“Ela viverá sua própria vida agora. Não posso protegê-la de tudo.”*

Mas seu amor não acabou.

Mudou de forma.

Tornou-se oração.

Tornou-se esperança.

Talvez seja assim que Deus nos

continue

ama.

Ele não força.

Ele não coage.

Ele permite liberdade — mesmo quando a usamos mal.

E quando nós crucificamos o próprio Amor —

O amor permanece.

E é por isso que hoje podemos sair deste lugar em silêncio, não em desespero.

Porque a Cruz permanece.

Como pergunta.

E como resposta.

E o amor nunca acaba.

Amém.